

Governo Collor — Parte 2

JORNAL DE BRASÍLIA

Carlos Monforte **06 FEV 1992**

Corria 1982 e a metade do governo Figueiredo. O ministro do Planejamento e czar da Economia era Del-
fim Netto e o ministro da Fazenda, Ernani Galvêas.
Não foi o que se pode dizer um ano glorioso: a seleção
de futebol decepcionou mais uma vez na Espanha,
mas o governo começou o seu processo de abertura po-
lítica, com a realização de eleições em todos os níveis.

O que houve de mais grave neste ano foi mesmo a
constatação de que o Brasil não tinha condições de
cumprir seus compromissos internacionais. Não tinha
dinheiro em caixa para pagar seus credores. E aí veio
a primeira moratória brasileira dos últimos dez anos.
A partir daí foi iniciado um novo processo de negocia-
ção para recolocar o País no mercado internacional,
uma vez que também parou de chegar dinheiro do ex-
terior. Foram escritas dez cartas de intenção ao FMI.
Nenhuma terminou bem.

E por que eu estou dizendo tudo isso? Só para cons-
tatar que o governo Collor acaba de entrar em um no-
vo período, depois que o FMI, finalmente, aceitou o pla-
no brasileiro para reorganizar a economia, mesmo não
sabendo se o plano vai ser cumprido. Evidentemente,
depois de tanto tempo, é melhor dar um voto de con-
fiança ao Brasil do que puxar o tapete das intenções
brasileiras.

Bem, e onde eu quero chegar? O que eu quero dizer
é que, parece, as coisas começam a dar certo para o go-
verno Collor. Embora, nesta área, a parte pesada vá
começar agora, com as negociações com os países do
Clube de Paris e com os 600 bancos a quem o Brasil

deve US\$ 52 bilhões.

De qualquer maneira, não podemos deixar de
constatar que o governo Collor vive bons momentos. E
a aceitação das intenções por parte do FMI divide o pe-
ríodo em duas partes: antes e depois do acordo. Só res-
ta ao governo cumprir sua parte, que é ter um superá-
vit nas suas contas, recuperar as tarifas públicas e
chegar a 2% de inflação em dezembro deste ano.

O governo não pode perder esta oportunidade,
num momento em que faz uma mudança ministerial
pedida pela sociedade e que até as forças políticas se
acalmam, dando mesmo condições para uma maioria
próxima no Congresso. ACM está contente e Brizola
diz que vai continuar apoiando o governo. Mas o pro-
cesso de aumentar a composição política tem de conti-
nuar. Isso é fundamental.

Além disso, e por último, o momento é tão favorá-
vel que até os japoneses estão mais simpáticos. E como
simpatia é quase amor, eles vêm para um grande se-
minário, em Brasília, em abril, onde vão dizer em
quais áreas pretendem investir. Eles vêm chefiados
pelo presidente da Nippon Steel. E o presidente do
Banco de Tóquio prevê que os seus compratistas vão
investir US\$ 5 bilhões no Brasil.

Por tudo isso — inflação estabilizada, promessa de
boa safra, acerto com FMI, perspectiva de fechamento
de acordo com o Clube de Paris, composição política
em marcha — é que pode se dizer que Fernando Collor
assumiu de novo. Em cartaz, o governo Collor — parte
dois.